

A Vida nos Musseques: a Geograficidade em “Vavó Xíxi e seu Neto Zeca Santos”¹

Life in the Musseques: Geograficity in “Vavó Xíxi and her grandchild Zeca Santos”

RAYANA KELLY RODRIGUES DE OLIVEIRA

Graduanda do Curso de Letras Português/Inglês da UFMA

kellyrodrigues2014@hotmail.com

MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA

Profa. Titular do Departamento de Letras da UFMA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult)

marciamanir@hotmail.com

RESUMO

Publicado em 1963, o livro *Luuanda*, de José Luandino Vieira apresenta três contos marcados pela oralidade do povo angolano. A obra tem o intuito de dar representatividade aos musseques, áreas periféricas onde se abrigam pessoas deslocadas da *urbe*, além de dar voz a esses indivíduos que vivem à margem. O conto traz como protagonistas duas personagens com vida relegada à miséria, um jovem sem perspectiva de vida e sua avó representando a força materna. Luandino tinha por intenção mostrar as fronteiras geográficas não somente físicas, mas também culturais entre dois polos distintos em Angola: o espaço do colonizador e do colonizado. É uma obra nacionalista e de cunho crítico-social, com os olhos voltados para aqueles que resistem às injustiças de uma comunidade marcada pela colonização. Com isso, busca-se fazer uma análise crítico-interpretativa do conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” pelo viés da Geografia Humanista Cultural que estuda o ser-estar-no-mundo, de modo a constatar a percepção da paisagem através de elementos simbólicos. Com base na liberdade da literatura em elucidar vários aspectos do ser humano, tanto particular como social, a literatura se propõe a dialogar com a geografia. Nesta análise, a geografia ratifica o seu discurso quando da influência do meio no psicológico do homem, ou seja, a sua relação com a Terra. Portanto, o conto de Luandino Vieira é um importante instrumento de identificação cultural como símbolo de resistência que referencia a vida nos musseques - espaço de interação de pessoas invisíveis.

Palavras-chave: Literatura. Geograficidade. “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”.

ABSTRACT

Published in 1963, the book *Luuanda*, by José Luandino Vieira presents three tales marked by the orality of the Angolan people. The work aims to give representation to the musseques, peripheral areas where displaced persons of the city are housed, and to give voice to those individuals who live on the margin. The story brings as protagonists two characters who have a life relegated to misery, a young man without perspective of life and his grandmother representing the maternal strength. Luandino had the intention to show geographical frontier not only physical, but also cultural between two distinct poles in Angola, the space of the colonizer and the colonized. It is a nationalistic and critical-social work so that the eyes are turned to those who resist the injustices of a colonized community. With this, it seeks to make a critical-interpretative analysis of the tale “Vavó xixi and her grandchild Zeca Santos” by the bias of the Cultural Humanist Geography that studies being-and-being in the world and verify the perception of the landscape through symbolic elements. For it is on the basis of the freedom of literature to elucidate various aspects of the human being, both private and social, that literature dialogues with geography. In this analysis, geography ratifies his discourse in the influence of the environment on the psychological of man, that is, his relationship with the Earth. Therefore, the tale of Luandino

¹ Artigo submetido para avaliação em 10/10/2019 e aprovado em 20/10/2019.

Vieira is an important instrument of cultural identification as a symbol of resistance that references life in the musseques - space of interaction of invisible people.

Keywords: Literature. Geograficity. “Vavó xíxi and her grandchild Zeca Santos”.

1 INTRODUÇÃO

A oralidade é a essência da literatura africana, pois estórias narradas viajam através da fala de gerações, sendo os ensinamentos dos anciãos – plenos de experiência e sabedoria de seu povo – transmitidos aos mais jovens. “A tradição oral da grande maioria dos povos e culturas do continente africano está diretamente ligada à importância que a palavra falada possui nesses contextos” (MELONI, 2015, p. 11). É através dessas narrativas orais que o elo entre os irmãos negros, filhos da Mãe África, conectam-se.

Em Angola, portanto, isso não é diferente. As tradições orais também galgaram sua historicidade. Em meados do século XVIII, com sua literatura edificada por colonizadores ou filhos destes já nascidos em África, mascarava-se a realidade de Angola, ou seja, a população dominante, em termos de quantidade, perfazia 5000 europeus para 23000 africanos, segundo o censo da época. Para que sua história não fosse contada pela nação colonizadora, os negros ou brancos genuinamente africanos – que se declamavam “Filhos do país” – viam a necessidade de transcrever suas estórias para o papel como forma de legitimar sua cultura. Por volta do final do século XIX, com o advento da imprensa, houve em Angola, juntamente com Moçambique, as primeiras iniciativas de uma literatura de resistência. A sociedade aos poucos despertou o interesse por soltar a voz através dos escritos e mostrar a verdadeira realidade de sua nação. Assim obras de cunho social foram ganhando força e espaço na literatura.

Entretanto, em 1950, esse despertar se concretiza de forma mais contundente com a publicação da revista *Mensagem* que, apesar de apenas dois números, foi bastante significativa para fortalecer o ideal de identidade angolana. É neste período que intelectuais deram vazão ao que ficou conhecido como “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola”. Após a dissolução desta revista, anos mais tarde, surgiu a revista *Cultura* da qual participou um grupo seleto de intelectuais. É neste período que o autor Luandino Vieira, dentre outros, mais se destaca.

José Luandino Vieira, um branco nascido em Portugal, mas possuindo a nacionalidade angolana, vivenciou a infância e juventude em Angola, habitando em

musseque – bairro periférico da capital Luanda. Luandino sofreu fortes repressões de Portugal em função de sua vinculação a movimentos que visavam à independência de Angola. Intencionou, por meio de suas obras, retratar a realidade de seu país, suas mazelas e encantos; invisíveis, até o momento.

O objetivo deste artigo é analisar um de seus contos mais emblemáticos, “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” do livro *Luuanda*, publicado em 1963, sob o prisma da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, com vistas a adentrar o universo da geograficidade quando da evocação do espaço da tradição oral no universo da escrita como forma de identificação da cultura angolana.

2 A GEOGRAFIA NA LITERATURA

Consagrada pelos críticos como uma das obras mais importantes de Angola pelo seu caráter crítico e inovador, *Luuanda*, dividido em três estórias: “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, “A estória do ladrão e do papagaio” e “A estória da galinha e do ovo”, reúne personalidades que representam a realidade da comunidade periférica.

O conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos” apresenta um narrador onisciente que retrata a paisagem de Angola, mais especificamente de Luanda. A narrativa se inicia pela descrição de uma natureza personificada, visto que os africanos nutrem um forte elo com o espaço em que vivem, a exemplo de Vavó Xíxi e sua experiência com a vinda da chuva: “Assim, quando vavó adiantou sentir esses calores muito quentes e os ventos a não querer mais soprar como antigamente, os vizinhos ouviram-lhe resmungar talvez nem dois dias iam passar sem a chuva sair” (VIEIRA, 2006, p. 4). O conto anuncia a sabedoria de uma velha como forma de representação da Terra e do Tempo.

Vavó Xíxi é uma mulher negra com o “corpo velho e curvado, [...] chupado da vida e dos cacimbos, [...] com suas mãos secas e cheias de nós” (VIEIRA, 2006, p. 11). É comum os escritores angolanos associarem a mulher à Terra, isto porque a figura feminina é sinônimo de acolhimento e fertilidade. Vavó também representa o tempo, registrada como velha senhora, detentora de calos, frutos de seus trabalhos durante a vida.

Zeca Santos, a segunda personagem, é um jovem imaturo (muitas vezes chamado de “menino” pela avó), cujo dinheiro adquirido com grande dificuldade é gasto com roupas chamativas, festas e farras. Zeca fora despedido do emprego por ter sido acusado de furto ao patrão, um homem branco que marcou as costas de Zeca com um chicote. Partindo em busca

de um novo trabalho, o jovem vai rumo à Baixa, zona metropolitana, da qual é expulso por dar valor a seu bairro de origem, recaindo sobre ele o preconceito em relação ao seu espaço de habitação.

Em entrevista a Joelma G. dos Santos, Luandino comenta sobre a composição de tal personagem de *Luuanda*:

O Zeca Santos é um personagem que trabalhava comigo. E eu via os seus problemas de relacionamento, de namoro, seus problemas de vergonha da miséria, e a vergonha é o primeiro sentimento de revolta que a gente tem. Uma revolta contra nós próprios, não é? Mas já era um princípio de revolta, quando a gente tem vergonha porque o sapato está roto, ou a gente fez cinco quilômetros a andar debaixo do sol e chega transpirado ao trabalho e tem o cheiro do suor. Essa vergonha que ele tinha entranhada nele fez com que eu meio que adotasse Zeca Santos. Não se chamava Zeca Santos, obviamente, como um personagem que me doía a mim o que se passava com ele, esse é outro processo. (VIEIRA, s.d.)

A narrativa deixa evidente que o rapaz se encontra dividido entre os mundos do colonizador e do colonizado, e vivencia um processo doloroso para aceitar sua condição, ao passo que a avó de nome pomposo – Dona Cecília de Bastos Ferreira –, esposa de comerciante mulato e notadamente reconhecida pela comunidade, transformou-se, no tempo presente, em Nga Xixi Hengele, “moradora de uma cubata miserável no musseque” (MACEDO, 2008, p. 104). Vavó Xixi, ao contrário do neto, assume seu lugar, sua condição destituída de riqueza e honra, enquanto Zeca Santos vivencia um lugar-sem-lugaridade, na acepção de Relph (2012). Como afirma Coutinho (2018, p. 185), “o exiliente incorpora assim a condição de descoincidência entre estar e sentir-se ser, isto é, a impossibilidade de estar ou de sentir-se pertencer ao lugar onde está, e que, não raro, acaba por ditar a experiência de uma dupla ausência”.

Digno de destaque neste conto é o papel do vento: este sopro natural que ora se apresenta de forma branda, ora bem agitada, cumprindo papel preponderante no desenrolar da narrativa. O vento parece estar preso a um jogo contra a chuva, momento em que ambos disputam o espaço: “as nuvens reuniam para chover mas vinha o vento e enxotava” (VIEIRA, 2006, p. 4). Na perspectiva de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1995, p. 936), o vento representa instabilidade, o que varia com sua agitação. Assim:

Os ventos também são instrumentos da força divina; dão vida, castigam, ensinam; são sinais e, como os anjos, portadores de mensagens. São manifestação de um divino, que deseja comunicar as suas emoções, desde a mais terna doçura até a mais tempestuosa cólera.

Ele também cumpre o papel de mensageiro para os moradores dos musseques. Apresenta sua inconstância diante da chuva até que, por fim, deixa-a livre para agir: “Mas, cansado do jogo, o vento calou, ficou quieto. Durante algum tempo se sentiram só as folhas das mulembas e mandioqueiras a tremer ainda com o balanço, e um pímulas, triste, cantando a chuva que ia vir” (VIEIRA, 2006, p. 5). O vento, afinal, anuncia a chegada da chuva.

A comunidade, há dias, espera pela chegada da chuva: “Tinha mais de dois meses a chuva não caía” (VIEIRA, 2006, p. 5). A chuva carrega o significado de vida, sendo comumente associada à fertilidade, como pontuam Chevalier; Gheerbrant (1995, p. 236): Essa chuva lunar comporta também o simbolismo habitual da fertilidade, da revivificação. A chuva é a graça, e também a sabedoria”. Na narrativa, a chegada da chuva nutre os musseques ao conceder-lhes a esperança de uma nova vida: “Depois, pouco-pouco, os pingos da chuva começaram cair e nem cinco minutos que passaram todo o musseque cantava a cantiga d’água nos zincos” (VIEIRA, 2006, p. 5). A chuva lava os musseques de todo o sofrimento representado pela água de coloração vermelha, da lama, que ela faz jorrar.

Ainda sobre a representação da natureza no conto, há o símbolo do sol. Na narrativa, o sol se diferencia entre a “cidade alta” e a “cidade baixa”: “O tempo fugia para a noite; o sol, raivoso, queimava; tinha um céu muito azul, nem uma nuvem que se via, e na Baixa, sem árvores, os raios do sol atacavam mal” (VIEIRA, 2006, p. 19). Do ponto de vista simbólico, o sol apresenta diferentes significados, podendo dar a vida como também tirá-la. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1995, p. 836, grifos dos autores) atestam sobre essa dupla personificação do sol:

O Sol também é considerado *fecundador*. Mas também pode queimar e matar. O Sol imortal nasce toda manhã e *se põe toda noite no reino dos mortos; portanto, pode levar com ele os homens e, ao se pôr, dar-lhes a morte; mas, ao mesmo tempo, pode guiar as almas pelas regiões infernais e trazê-las de volta à luz no dia seguinte.*

O sol estaria, com isso, exercendo a função de prover a metrópole e castigar o bairro de lata. É considerado um elemento ambivalente à chuva, na medida em que a água doce da chuva, ao significar fecundidade, contrapõe-se aos raios impiedosos do sol que simboliza morte.

Permeia também toda a narrativa a paisagística da fome, enquanto elemento personificado: “Na barriga, o bicho da fome, raivoso, começou roer, falta de comida, dois dias já, de manhã só mesmo uma caneca de café parecia era água, mais nada” (VIEIRA,

2006, p. 2). A fome clama para que Zeca Santos busque uma forma de saciá-la antes que ela o mate, consistindo num lembrete para a condição social das personagens.

Os símbolos são, em síntese, alicerces das múltiplas culturas do ser humano. Existem desde a criação do homem, pois são formas de comunicação entre o imaginário e o real, como afirma Yi-Fu Tuan (2012, p. 31):

[...] Os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais, de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentir confortáveis na natureza. Estamos bem conscientes de que os povos, em diferentes épocas e lugares, construíram seus mundos de maneira muito diferente.

Além de outros elementos simbólicos, estes são de primazia importância para se compreender que Angola, diante da opressão colonizadora, precisava da autoafirmação de sua cultura. Daí a voz dada por Luandino Vieira aos musseques.

3 A VOZ DOS MUSSEQUES

Os musseques, também conhecidos como “bairros de lata”, carregam em si curiosa etimologia. Oriunda do *Kimbundo* (Quimbundo), a palavra “musseque” – *mu seke* – se traduz por areia vermelha. Isto se dá pelo fato de as primeiras ocupações terem sido cobertas por um material de coloração avermelhada. Em relação à origem, estes bairros periféricos já existiam desde a colonização, porém, de acordo com Quelhas (2006), teve seu apogeu a partir de 1962 quando ocorreu o êxodo da população rural para a capital Luanda. Neste período, a febre da construção civil e o lançamento da indústria fizeram os olhos da classe baixa brilharem na esperança de melhorias em suas vidas. Esses indivíduos se aglomeravam nos musseques, cuja formação se deu por um processo rápido e desorganizado, fazendo a região ser hoje um espaço visto como berço de marginalização, com pessoas à margem da zona metropolitana.

Para dar visibilidade a essas pessoas que há muito sofrem com o descaso do governo, Luandino, em “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, tece como paisagem a vida nos musseques, de modo a aproximar a literatura da geografia, a começar pela apresentação das cubatas: “Quando saiu o grande trovão em cima de musseque, tremendo as fracas paredes de

pau-a-pique e despregando madeiras, papelões, luandos (esteira de folhas utilizada para fazer cercas), toda a gente fechou os olhos, assustada com o brilho azul do raio que nasceu no céu” (VIEIRA, 2006, p. 12). Os musseques, ou a cidade de lata, são conjuntos de moradias construídas com materiais instáveis, ou seja, a representação da própria moradia desses habitantes é sinônimo de fraqueza, insegurança: “Tinha mesmo cubatas caídas e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas (haveres, pertences) que salvaram” (VIEIRA, 2006, p. 12). As cubatas revelam, portanto, uma tentativa malograda de indivíduos que anseiam estar próximos da metrópole, da busca pela (sobre)vivência, apesar dos obstáculos de subsistência.

Esta região periférica perdura desde a colonização, sendo um polo paralelo da “cidade baixa”, espaço de colonos e mestiços:

A divisão de Luanda em “cidade alta” e “cidade baixa”; em áreas de transição e de expansão, do ponto de vista do urbanismo; as mutações semânticas que os espaços africanos sofreram ao longo do tempo englobado no nosso processo de análise, tudo isso reflete um esquema de poder social, no primeiro caso, e também as respostas da nação colonizadora e dos colonizadores à especificidade e à resistência dos africanos instalados numa situação urbana traçada pelos europeus (MOURÃO, 2005, p. 186).

Estes pólos distintos, ao representarem o espaço – centro e periférico – pelo viés da topografia, não abrangem o abstrato, o olhar/pensar/sentir do homem desta região. Ao expor tal realidade no conto, Luandino elucidava a paisagem dos musseques e insere o leitor em sua obra, fazendo-o possuir o sentimento de alteridade. Cria a linha imaginária que separa os personagens da “cidade baixa”: “Fechou os olhos com força, com as mãos, para não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais o corpo velho e curvado de vavó, chupado da vida e dos cacimbos, debaixo da chuva, remexendo com suas mãos secas e cheias de nós, os caixotes de lixo dos bairros da Baixa” (VIEIRA, 2006, p.11).

O distanciamento entre esses espaços demarca a condição subjetiva dos moradores dos musseques, alheios à realidade das metrópoles. A distância é majoritariamente psicossocial, a exemplo de quando Zeca Santos, inserido na cidade, sente-se completamente deslocado, como revela o seguinte trecho: “Assim, ali sozinho, de todos os lados as grandes casas de muitas janelas olhavam-lhe, rodeavam-lhe, parecia era feitiço” (VIEIRA, 2006, p. 20). Desejoso por pertencer àquele espaço, dadas as demonstrações de apego com a camisa amarela (evidente marca do consumismo), Zeca Santos se frustra por ser rejeitado, situação que duramente supera quando passa a aceitar a sua condição inexorável, representada pela

ruptura do afeto com a camisa amarela, e daí assume o seu lugar, aquele que a todos acolhe – o musseque.

Considerado um “contra-espaço” – espaçamento formado pela reunião da diversidade, espaço heterogêneo em valores culturais –, o musseque também é sinônimo de solidariedade; seus moradores acabam por ser “obrigados a desenvolver uma consciência de seu território porque, fora dele, deparam-se com uma hostilidade inequívoca” (TUAN, 2012, p. 290), uma união como forma de resistência contra o abandono do mundo afora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura de “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, conto de abertura do livro *Luuanda*, de José Luandino Vieira, foi possível evidenciar a paisagem ali vivida. Através de uma linguagem poética e marcadamente identitária, o autor entrelaça leitor e personagem na realidade geográfica dos musseques ao transmitir seus valores e percepções, o verdadeiro valor dos “bairros de latas”, considerado o lugar de origem das personagens principais, lugar de acolhimento dos filhos de Angola.

Ao se valer da língua quimbundo, Luandino valoriza e dá poder de fala a esse grupo social. Logra por construir uma ponte de afetividade com personagens moradores dos musseques, cumprindo um papel fundamental na história da literatura angolana. Analisar a obra à luz da Geografia Humanista Cultural é exercer uma visão ontológica sobre o homem, explanar sua individualidade subjetiva e, ao mesmo tempo, abraçar seu espaço de convívio.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 9ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

COUTINHO, Ana Paula. Espaço dos quem não têm lugar: uma geografia de exiliência. In: COUTINHO, Ana Paula et al. (orgs.). **Espacialidades: revisões do espaço na literatura**. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Edições Afrontamento, 2018.

MACÊDO, Tânia. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora da UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MELONI, Otavio Henrique. **Literaturas Africanas II: volume único**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2015.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. O espaço urbano no contexto colonial: o caso de Luanda. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, SP, p. 175-192.

QUELHAS, Anabela. **Musseques de Luanda**. Blog arquivão, 2006. Disponível em: <https://arkivao.blogspot.com/2006/07/musseques-de-luanda.html> Acesso em 14 jun. 2019.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SANTOS, Joelma G. dos. A Literatura se alimenta de literatura. Ninguém pode chegar a escritor se não foi um grande leitor. **Entrevista com José Luandino Vieira**. Disponível em: <http://www.uengola.com/entrevistas/itemlist/tag/entrevistas?start=10>. Acesso em 15 jul 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

VIEIRA, Luandino. **Luuanda: estórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.